

"Orpheu," nos infernos

Do noivo ao futuro sogro

Meu caro Papá-Sogro:

COIMBRA, 30.—Permitta que assim o trate para ir já empregando n'algum tratamento um pouco do que vou colhendo no meu quarto anno de medicina. Por este mesmo correio tomo a liberdade de lhe enviar o primeiro numero da revista «Orpheu», a mais alta affirmação mental de uma geração reformadora. Chamo a sua attenção esclarecida para o metro do meu illustre camarada Alvaro de Campos. Lá encontrará Vossa Senhoria Illustrissima um verso consideravel em que o digno Poeta cathegori-

camente declara que *não fazer nada é a sua perdição*. Alvaro de Campos, como o Papá terá occasião de considerar, está na razão absoluta, como Newton ou Galileu. Não fazer nada é uma aspiração mais do que nacional, e, se alguma unanimidade existe no espirito collectivo, é a d'este sonho admiravel que consiste em viver de papo para o ar, como com sua licença um porco, e na paz não perturbada das digestões somnolentas, como as do crocodillo ou as do frade. Trabalhar é uma condemnação inutil. A ninguem é preciso trabalhar para viver. Eu tenho visto com tristeza na terra da minha horta como as minhas couves e as minhas alfaces nascem, crescem e vivem sem nenhum trabalho, enquanto eu para nascer já algum trabalho dei, para crescer já mesmo o tive e agora, para chegar a este maldito quarto anno, já me encontro tambem aqui ha oit', galgados sabe Deus com quanto esforço, quanta fadiga, e quanto desejo de casar depressa com a Mimi. Não é cruel um tão grande martirio? Trabalhar, ao contrario do que affirmava o sr. visconde de Castilho, não é tal virtude,

nem riqueza, nem vigor; é uma grande maçada, e eu só lamento que o meu digno Papá-Sogro não esteja aqui matriculadinho connosco para dar razão ao meu camarada Campos.

Este assombro de pequeno fez subir no meu espirito o panno-talão das grandes cogitações, e eu tenho pensado em que trabalhar pode ser uma grande, e até perigosa mania. A's formigas, ás abelhas, a todos esses bichos hellenicos e phenicios de que fala o homem das linguas, nunca faltou essa mania. Mas eu firmemente creio que é porque nunca estudaram medicina, do contrario outro gallo lhes cantaria. Geralmente, os animaes que trabalham, excepto talvez Vossa Senhoria Illustrissima, trabalham violentados pelo homem, e nunca voluntariamente, como os photographos amadores. Vossa Senhoria vê, com o devido respeito, um burro ou um boi, que se dispensariam lindamente de trabalhar se os não obrigassem, e é indecente que um homem, com tantos ideaes de liberdade, de emancipação e de justiça, force por exemplo um cavallo a puxar a uma carroça, quando elle á manjedoura daria um

infatigavel canalizador de palha, especie de sifão, a secco.

Alvaro de Campos, não fazendo, não querendo fazer, não gostando de fazer nada, é a mais alta synthese do character luso, d'este lusismo fatal, sentimental, dolorido e lacrimoso, em que cada um chora com muitissima razão as suas desditas e o cruel e triste mal de não ter nascido aposentado e com o ordenado por inteiro. Porque não? N'um paiz em que as mais nobres classes são as classes inactivas, porque não satisfazer ao povo o seu sonho de todo o sempre, o sonho do *deixa correr! do não te rales! do pois sim mas anda lá!*

O Papasinho sabe que sempre fomos uma raça de santos e de heroes. Ao heroismo já não ha emprego a dar, o sr. Machado Santos tem mesmo o monopolio do genero, e não é nobre estragar o arranjinho a ninguem. Mas resta a santidade, tão propria da nossa natureza contemplativa. O Papá lembra-se do fallecido S. Francisco de Assis? Foi um contemplativo porque foi um santo e um santo porque foi um contemplativo. E o que fez no exercicio das suas

1915
14 abril
"A Capital"



funções? Botas? Artigos de fundo? Suelios para a *Lucta*? O *Diz-se* para o *Mundo*? Não, senhor; fez-se Ignez de Horta toda a vez que se tratou de trabalhar.

Não tenha duvidas, Papá-Sogro! No numero dos seus muitos convivas espirituaes figura por certo o eminente Gabriel de Lautrec. Pois bem, defendendo o descanso semanal, o sabio illustre é de opinião que em nós tudo deve descansar vinte e quatro horas por semana: os pés, as mãos, os olhos, o estomago, o cerebro, o nariz e a lingua! a mesma lingua, Papá! Dir-lhe-hei que quanto aos pés ha certamente creaturas a quem conviria um descanso bisemanal para o equilibrio das proporções. Mas a lingua? O que seria dos deputados, das peixeiras, dos actores? Ah! tudo, tudo precisa de descanso! Nós, se trabalhamos devemo-lo a um peccado inicial de que não temos culpa, pois não é justo que estejamos aqui a pagar as favas da gulodice da senhora Eva, que não resistiu a passar sem sobremeza, depois de lhe ter sido prohibida pelo Supremo Patrão.

Por isso, caro Papá, insisto em que

o camarada Campos é um pequeno de muito peso e largo futuro, e eu só lamento não estar já casado com a Mimi, para lhe pôr em pratica a sublime theoria, e visto que o dote da minha noiva longamente chega para a solução do vasto problema. O que lamento é que Vossa Senhoria Illustrissima continue a teimar n'essa catturice de não nos deixar realizar o auspicioso antes da minha formatura, que ainda tem para pêras, tanto mais que estes diabos teimam sempre em não organizar um curso em que a gente estivesse em férias—até ás férias grandes.

Adeus, caro Papá. Conserve-me a Mimi em bom estado até á minha these, e mesmo que eu fique approvedo não me obrigue a exercer clinica, porque é inutil, desculpe dizer-lho. Um homem honrado fala sempre com franqueza, e, visto que o Papá insiste em não me querer ocioso, já cá tenho debaixo de olho um logar de major reformado, que me está que nem uma luva.

Seu futuro filho muito amigo

Thimoteo

Carta de Mimi

Lisboa, 21.

Senhor

O papá leu-me a sua carta e declarou-lhe que fiquei satisfeita. Nunca pensei que casava para trazer burros á corda, apesar de todavia. Remetto-lhe as cartas susceptivelmente, mais o cabelo e os amores perfeitos secos. E affirmo-lhe com toda a cathegoria que a um major reformado prefiro mil vezes um alferes em activo serviço. Já o disse ao papá, e elle diz que tambem gosta. Mande-me o que lá tem. Devolvo o Orpheon.

Mimi

Elle desesperado, amarrotando a carta:

- Para o meio do inferno!
- Quem? A rapariga?
- Não, o Orpheu.

GUEDES DE OLIVEIRA

A Capital

15 abril 1915

(continua)